

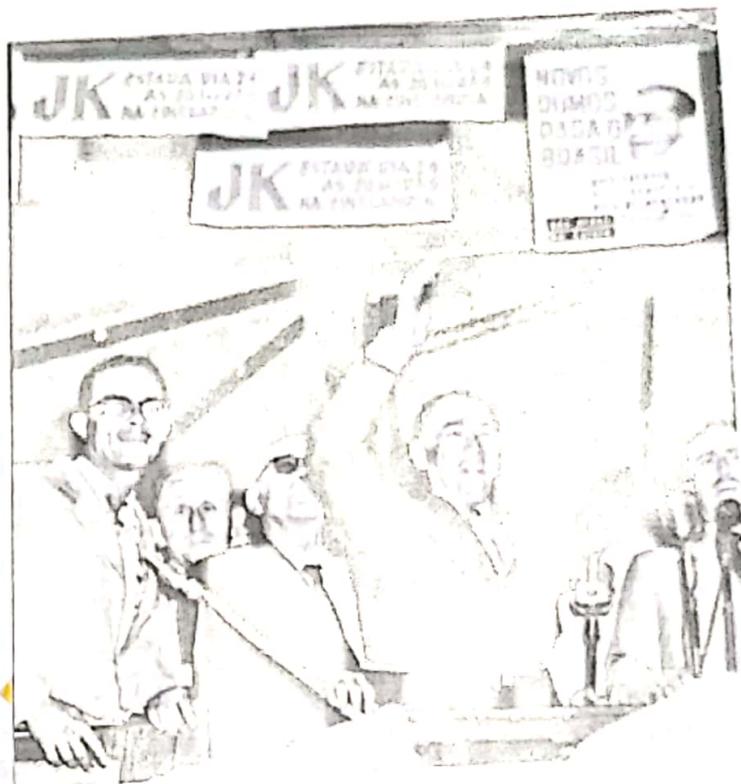
Com a morte de Vargas, assumiu o vice-presidente João Café Filho (PSP), que governou num período de agitação, manipulado pelos políticos da UDN. Ocorreram eleições presidenciais em 1955, que tiveram como resultado a vitória de Juscelino Kubitschek de Oliveira (Partido Social Democrático, o PSD), com 39% dos votos. Juarez Távora (UDN) ficou com 32%, Ademar de Barros (Partido Social Progressista, o PSP), com 27% e Plínio Salgado (Partido da Representação Popular, o PRP) ficou em último, com 0,4% dos votos.

## Juscelino Kubitschek

O slogan da campanha do mineiro de Diamantina, Juscelino Kubitschek de Oliveira, foi "50 anos de progresso em 5 anos de governo", ou seja, para cada ano do mandato presidencial ele realizaria 10 anos de progressos para o Brasil.

Vitorioso nas eleições, Juscelino Kubitschek assumiu a presidência em 1956 e adotou uma política desenvolvimentista, acelerando a expansão industrial e abrindo as portas do país ao capital estrangeiro.

Juscelino Kubitschek no Comício da Vitória na Cinelândia, Rio de Janeiro, em 1956



©Acervo Iconographia

## Desenvolvimentismo 8 Sugestão de abordagem do conteúdo.

O governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira, de 1956 a 1961, teve como principal objetivo o desenvolvimento da indústria brasileira. JK – como o presidente era chamado – foi eleito por defender a modernização do Brasil e seu rápido desenvolvimento industrial.

Seu plano econômico, o **Plano de Metas**, beneficiou as indústrias de bens de consumo duráveis, principalmente de automóveis e eletrodomésticos. Diversas empresas estrangeiras fixaram-se no Brasil, especialmente da área automobilística, abrindo vagas de trabalho e estimulando o consumo desse item no país.

No plano político, o destaque da gestão foi a garantia de amplas liberdades democráticas. No econômico, os avanços foram notáveis, especialmente para a classe média, que viveu os chamados "anos dourados", com melhorias substanciais na qualidade de vida.

Entre as realizações do governo JK, evidenciam-se a construção da rodovia Belém-Brasília, a criação do Conselho Nacional de Energia Nuclear (CNEN), a implantação da indústria automobilística, a construção das usinas hidrelétricas de Furnas e Três Marias (em Minas Gerais) e a criação da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). Esta tinha o objetivo de desenvolver a Região Nordeste com base em um planejamento preestabelecido.

## Construção de Brasília



Juscelino Kubitschek foi responsável pela fundação de Brasília, a cidade planejada e projetada por engenheiros e arquitetos para ser a capital do Brasil.

A ideia de levar a capital do Brasil para o interior do território esteve presente desde o Período Colonial. Durante o Império, essa ideia permaneceu viva, mas só começou a sair do papel após a Proclamação da República. A Constituição brasileira de 1891 determinou a reserva de uma área de 14400 quilômetros quadrados no Planalto Central do Brasil para a construção da nova capital. Em 1892, a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, conhecida como Missão Cruls, partiu do Rio de Janeiro com 22 pessoas que percorreram a área e registraram dados sobre a fauna, a flora e os hábitos dos moradores do sertão. Essa missão demarcou a área para a construção de Brasília, fato que ocorreu quase 70 anos depois.

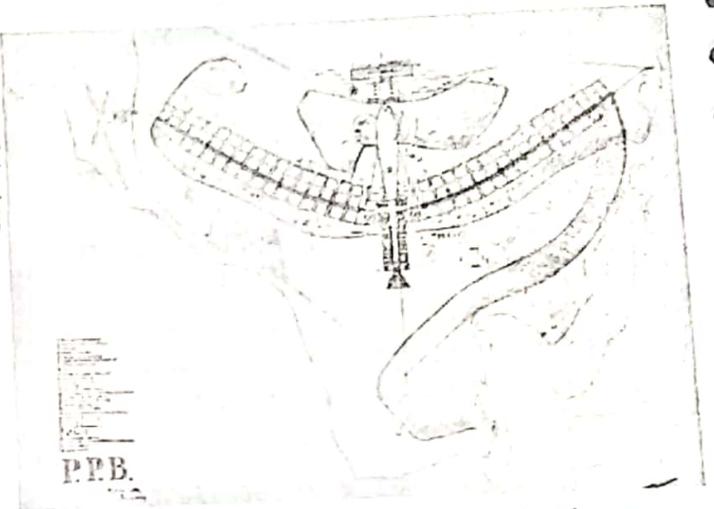
As vantagens da mudança da capital eram a ocupação do interior do país e o consequente desenvolvimento da região, além da proteção do centro político contra ações extremas da população (como poderia ocorrer no Rio de Janeiro, mais populoso) ou de inimigos externos. A ideia teve opositores, especialmente pessoas como Carlos Lacerda, que alegavam que as obras eram muito caras, agravariam a inflação e colocariam o Rio de Janeiro em uma posição de inferioridade. Ainda assim, a proposta foi aprovada pelo Congresso em setembro de 1956.

A cidade foi inaugurada em 21 de abril de 1960. Contou com plano urbanístico do arquiteto e urbanista Lúcio Costa, que elaborou o projeto piloto. O arquiteto Oscar Niemeyer e o engenheiro Joaquim Cardozo projetaram os principais prédios da cidade.

Na prática, a construção de Brasília beneficiou dois grupos: as empresas de construção civil, que lucraram com as obras e tornaram-se grandes corporações, e os trabalhadores (a maioria da Região Nordeste, os chamados candangos), que buscavam em Brasília uma chance de vida melhor.

Um grande número de trabalhadores, especialmente do Nordeste, se deslocou para a região central do Brasil, buscando emprego na construção de Brasília.

© Arquivo/Agência Estado/AF



COSTA, Lúcio. *Projeto piloto de Brasília*. 1956. 1 desenho (esboço). Arquivo Público do Distrito Federal.





## interpretando documentos

A imponência da nova capital do Brasil contrastava diretamente com a vida daqueles que ajudaram a construí-la. Os candangos viviam nas cidades do entorno (chamadas cidades-satélites) em condições precárias. O francês Marcel Gautherot esteve presente em diversos momentos da construção da nova capital e registrou em fotografias o cotidiano dos candangos. Observe a imagem ao lado e, depois, responda às questões.



©Marcel Gautherot/Arquivo Instituto Moreira Salles

GAUTHEROT, Marcel. *Sacolândia*. [ca. 1958]. 1 fotografia, p&b. Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro.

**1** Por que o autor deu esse título ao trabalho?

O título, *Sacolândia*, faz referência aos materiais utilizados na construção das casas dos candangos, que são restos da obra de Brasília, incluindo sacos de cimento.

**2** O que a foto revela sobre o modo de vida dos candangos?

Revela que essas pessoas viviam de maneira não só humilde, mas privada de infraestrutura, pois o governo não deu conta do grande número de pessoas que se deslocaram para a região.

**3** De acordo com a análise da imagem e seus conhecimentos, responda: É possível afirmar que os trabalhadores que se deslocaram para Brasília conheciam as condições de vida que os esperavam?

Não, pois as pessoas foram para Brasília em busca de trabalho e melhores condições de vida, contudo não existia infraestrutura para todos e era preciso lidar com a exploração do trabalho.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



©Arquivo Público do Distrito Federal

HOMENS chegando a Brasília em busca de trabalho. [ca. 1957]. 1 fotografia, p&b.

No governo de Kubitschek, também existiam pontos negativos, entre eles o aumento da inflação e do endividamento externo. Houve ainda casos de corrupção e, acima de tudo, uma grande desilusão da massa trabalhadora, uma vez que a desigualdade social aumentou. Mesmo com a criação da Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), o governo não conseguiu reduzir as disparidades entre o Nordeste e o Sudeste do país e ocorreu um grande deslocamento populacional da área rural para a urbana.

[...] entre 1930 e 1960, em termos demográficos, o Brasil passou por dois grandes movimentos [...]. Um deles é o avanço dos processos de urbanização, dessa feita combinado ao de industrialização, que deslocou cada vez mais a população do campo para as cidades do sul, especialmente para um novo polo de atração: São Paulo. [...]

O outro movimento dá conta dos deslocamentos internos da população através do Brasil, mas tendo como destino não mais o litoral, na medida em que seus alvos passam a ser a Amazônia e o Centro-Oeste. Esses imensos deslocamentos populacionais, particularmente intensos nos anos 1940 e 1950, vão responder por um êxodo rural de 10 milhões de pessoas, numa população que chegou, nesta última década, a cerca de 50 milhões de habitantes.

GOMES, Angela de C. População e sociedade. In: \_\_\_\_\_ (Coord.). *Olhando para dentro: 1930-1964*, v. 4. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p. 58-59.

## Jânio Quadros e João Goulart

10 Aprofundamento de conteúdo para o professor.

Na eleição presidencial de 1960, o PSD e o PTB lançaram a candidatura do general Henrique Teixeira Lott, dito honesto e defensor da legalidade, mas sem experiência política. O PSP apresentou Ademar de Barros, que tinha força em São Paulo, porém conseguia poucos votos no restante do país. A grande surpresa foi o candidato Jânio da Silva Quadros, nascido em Campo Grande, no atual Mato Grosso do Sul, em 1917.

©Acervo Iconographia



Jânio Quadros (UDN/Partido Democrata Cristão) venceu com certa facilidade, com 48% dos votos (Lott ficou em segundo com 33% e Ademar de Barros em terceiro, com 19%).

Na campanha de 1960, Jânio adotou a vassoura como símbolo, pois afirmava que varreria a corrupção do país.

COMITÊ eleitoral de Jânio Quadros. 1960.  
1 fotografia, p&b.

O vice eleito foi João Goulart, da chapa de Lott, proeminente membro do PTB, herdeiro do trabalhismo varguista.

Até 1964, as eleições para a presidência e a vice-presidência do Brasil eram realizadas separadamente. Por isso, na época, era possível que os ocupantes desses cargos pertencessem a partidos políticos distintos e não coligados.



JOÃO Goulart em campanha eleitoral, 1960. 1 cartaz, p&nb.

Ao assumir, Jânio enfrentou problemas complexos, tais como inflação, endividamento externo e grave crise política – ele não tinha maioria no Congresso Nacional.

A decepção popular logo se tornou evidente, pois Jânio se mostrou mais eficiente em fazer críticas e acusações de corrupção e incompetência de seus adversários do que em resolver os problemas. Na oposição, Jânio era um sucesso; no governo, mostrou-se um fracasso. Faltava-lhe um programa de governo definido e um plano econômico que desse conta dos problemas enfrentados pelo país naquele período.

Diante da crise, Jânio Quadros se dedicou a pequenas decisões que se tornaram lendárias: regulamentou o tamanho do maiô das misses e proibiu o uso de biquíni nas praias, as corridas de cavalo em dias úteis e as rinhas de galos.

O feito mais significativo da gestão Jânio Quadros foi a adoção de uma política externa independente, aproximando o Brasil dos países do bloco socialista, ignorando as reações estadunidenses.

A campanha contra Jânio aumentou quando ele condecorou o comunista argentino Ernesto "Che" Guevara com a Ordem do Cruzeiro do Sul, a mais alta homenagem dada a estrangeiros. Pressionado por antigos aliados, atacado pela oposição e diante da indiferença da opinião pública, num gesto arrebatador, Jânio renunciou à presidência em agosto de 1961.

A renúncia de Jânio foi uma tentativa fracassada do Presidente de angariar simpatizantes. Ele esperava que a população clamasse por sua permanência e, com isso, conseguir se sobrepôr ao Congresso, que lhe fazia oposição.



## interpretando documentos

11 Sugestão de abordagem da atividade.

Leia um trecho da carta de renúncia de Jânio Quadros.

Fui vencido pela reação e, assim, deixo o governo. Nestes sete meses cumpri o meu dever. [...] Mas baldaram-se os meus esforços para conduzir esta nação pelo caminho de sua verdadeira libertação política e econômica, o único que possibilitaria progresso efetivo e a justiça social a que tem direito a seu generoso povo. Desejei um Brasil para os brasileiros, afrontado neste sonho a corrupção, a mentira e a covardia que subordinam os interesses gerais aos apetites e às ambições de grupos ou indivíduos, inclusive do exterior. Sinto-me porém esmagado. Forças terríveis levantam-se contra mim e me intrigam ou infamam até com a desculpa da colaboração. Se permanecesse, não manteria a confiança e a tranquilidade ora quebradas e indispensáveis ao exercício da minha autoridade. Creio, mesmo, não manteria a própria paz pública. Encerro assim com o pensamento voltado para a nossa gente, para os estudantes e para os operários, para a grande família do país, esta página de minha vida e da vida nacional. A mim não falta a coragem de renúncia. [...]

QUADROS, Jânio. *Carta de renúncia*. Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil\\_25ago1961.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_25ago1961.htm)>. Acesso em: 30 nov. 2019.

No governo de Kubitschek, também existiam pontos negativos, entre eles o aumento da inflação e do endividamento externo. Houve ainda casos de corrupção e, acima de tudo, uma grande desilusão da massa trabalhadora, uma vez que a desigualdade social aumentou. Mesmo com a criação da Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), o governo não conseguiu reduzir as disparidades entre o Nordeste e o Sudeste do país e ocorreu um grande deslocamento populacional da área rural para a urbana.

[...] entre 1930 e 1960, em termos demográficos, o Brasil passou por dois grandes movimentos [...]. Um deles é o avanço dos processos de urbanização, dessa feita combinado ao de industrialização, que deslocou cada vez mais a população do campo para as cidades do sul, especialmente para um novo polo de atração: São Paulo. [...]

O outro movimento dá conta dos deslocamentos internos da população através do Brasil, mas tendo como destino não mais o litoral, na medida em que seus alvos passam a ser a Amazônia e o Centro-Oeste. Esses imensos deslocamentos populacionais, particularmente intensos nos anos 1940 e 1950, vão responder por um êxodo rural de 10 milhões de pessoas, numa população que chegou, nesta última década, a cerca de 50 milhões de habitantes.

GOMES, Angela de C. População e sociedade. In: \_\_\_\_\_ (Coord.). *Olhando para dentro: 1930-1964*, v. 4. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p. 58-59.

## Jânio Quadros e João Goulart

<sup>10</sup> Aprofundamento de conteúdo para o professor.

Na eleição presidencial de 1960, o PSD e o PTB lançaram a candidatura do general Henrique Teixeira Lott, dito honesto e defensor da legalidade, mas sem experiência política. O PSP apresentou Ademar de Barros, que tinha força em São Paulo, porém conseguia poucos votos no restante do país. A grande surpresa foi o candidato Jânio da Silva Quadros, nascido em Campo Grande, no atual Mato Grosso do Sul, em 1917.

Jânio Quadros (UDN/Partido Democrata Cristão) venceu com certa facilidade, com 48% dos votos (Lott ficou em segundo com 33% e Ademar de Barros em terceiro, com 19%).

Na campanha de 1960, Jânio adotou a vassoura como símbolo, pois afirmava que varreria a corrupção do país.



COMITÊ eleitoral de Jânio Quadros. 1960.

1 fotografia, p&b.

O vice eleito foi João Goulart, da chapa de Lott, proeminente membro do PTB, herdeiro do trabalhismo varguista.

Até 1964, as eleições para a presidência e a vice-presidência do Brasil eram realizadas separadamente. Por isso, na época, era possível que os ocupantes desses cargos pertencessem a partidos políticos distintos e não coligados.



JOÃO Goulart em campanha eleitoral, 1964. 1 cartaz, p.86

Ao assumir, Jânio enfrentou problemas complexos, tais como inflação, endividamento externo e grave crise política – ele não tinha maioria no Congresso Nacional.

A decepção popular logo se tornou evidente, pois Jânio se mostrou mais eficiente em fazer críticas e acusações de corrupção e incompetência de seus adversários do que em resolver os problemas. Na oposição, Jânio era um sucesso; no governo, mostrou-se um fracasso. Faltava-lhe um programa de governo definido e um plano econômico que desse conta dos problemas enfrentados pelo país naquele período.

Diante da crise, Jânio Quadros se dedicou a pequenas decisões que se tornaram lendárias: regulamentou o tamanho do maiô das misses e proibiu o uso de biquíni nas praias, as corridas de cavalo em dias úteis e as rinhas de galos.

O feito mais significativo da gestão Jânio Quadros foi a adoção de uma política externa independente, aproximando o Brasil dos países do bloco socialista, ignorando as reações estadunidenses.

A campanha contra Jânio aumentou quando ele condecorou o comunista argentino Ernesto "Che" Guevara com a Ordem do Cruzeiro do Sul, a mais alta homenagem dada a estrangeiros. Pressionado por antigos aliados, atacado pela oposição e diante da indiferença da opinião pública, num gesto arrebatador, Jânio renunciou à presidência em agosto de 1961.

A renúncia de Jânio foi uma tentativa fracassada do Presidente de angariar simpatizantes. Ele esperava que a população clamasse por sua permanência e, com isso, conseguir se sobrepôr ao Congresso, que lhe fazia oposição.



### interpretando documentos

[1] Sugestão de abordagem da atividade.

Leia um trecho da carta de renúncia de Jânio Quadros.

Fui vencido pela reação e, assim, deixo o governo. Nestes sete meses cumpri o meu dever. [...] Mas baldaram-se os meus esforços para conduzir esta nação pelo caminho de sua verdadeira libertação política e econômica, o único que possibilitaria progresso efetivo e a justiça social a que tem direito a seu generoso povo. Desejei um Brasil para os brasileiros, afrontado neste suntuário a corrupção, a mentira e a covardia que subordinam os interesses gerais aos apetites e às ambições de grupos ou indivíduos, inclusive do exterior. Sinto-me porém esmagado. Forças terríveis levantam-se contra mim e me intrigam ou infamam até com a desculpa da colaboração. Se permanecesse, não manteria a confiança e a tranquilidade ora quebradas e indispensáveis ao exercício da minha autoridade. Creio, mesmo, não manteria a própria paz pública. Encerro assim com o pensamento voltado para a nossa gente, para os estudantes e para os operários, para a grande família do país, esta página de minha vida e da vida nacional. A mim não falta a coragem de renúncia. [...]

QUADROS, Jânio. *Carta de renúncia*. Disponível em: <[http://aluamaque.folha.uol.com.br/brasil\\_25ago1961.htm](http://aluamaque.folha.uol.com.br/brasil_25ago1961.htm)>. Acesso em: 30 nov. 2019.

Agora, responda às questões.

1 A carta dialoga com outro documento escrito por um presidente. Qual documento seria esse?

A carta-testamento de Getúlio Vargas.

2 Por que os dois documentos são similares?

Jânio passava por uma grave crise política em seu governo e queria conquistar a simpatia popular. Por isso, escreveu sua carta de renúncia em tom similar ao da carta-testamento de Getúlio, para evocar essa figura política ainda muito carismática. Ele queria despertar sentimentos próximos aos que Getúlio evocava na população, mas foi mal sucedido.



Quando Jânio Quadros renunciou, o vice-presidente João Goulart (conhecido como Jango) estava em missão diplomática na China. Políticos conservadores, empresários, chefes militares e parte da imprensa eram contra a ascensão de Jango, por sua relação com países e pautas ligados ao comunismo. Por isso, queriam evitar que ele assumisse a presidência.

Nesse contexto, iniciou-se um amplo movimento popular em favor da posse de Jango, a Campanha pela Legalidade. O movimento se concentrou no Rio Grande do Sul, liderado pelo então governador Leonel Brizola, cunhado de Goulart.

João Goulart acabou assumindo, mas com poderes limitados, pois a aprovação de uma Emenda Constitucional estabeleceu o parlamentarismo no país. A partir de então, houve três gabinetes: o primeiro teve como primeiro-ministro Tancredo Neves; o segundo, Francisco de Paula Brochado da Rocha; e o terceiro, Hermes Lima.

Em janeiro de 1962, num plebiscito, a população disse não ao parlamentarismo, restabelecendo o sistema presidencialista e concedendo ao presidente mais poderes. João Goulart se empenhou em realizar reformas econômicas e sociais, além de melhorar as condições de vida dos operários e camponeses.

Esse conjunto de reformas recebeu o nome de Reformas de Base. Sobre esse projeto, leia o fragmento a seguir.

Por Reformas de Base entende-se a questão da reforma agrária, a reforma sindical, a reforma bancária, as reformas constitucional, político-partidária e eleitoral, a reforma tributária federal, o plano contra a inflação, o plano trienal do governo, a autossuficiência alimentar no Brasil, o programa para a produção de energia, a eletrificação ferroviária, a defesa dos preços dos produtos exportáveis, a dinamização da Zona Livre de Comércio e a reorganização da Marinha Mercante Nacional. Como se vê, trata-se de transformar a estrutura da terra, a estrutura sindical, o sistema político-constitucional, o problema financeiro-organizativo, a questão da energia, as questões dos transportes marítimo e terrestres e pôr em prática a ideia do planejamento econômico.

CARONE, Edgard. *A Quarta República (1945-1964)*. São Paulo: Difel, 1980. p. 206. [12] Sugestão de abordagem do conteúdo.